

A feira livre de Santa Rosa de Lima/BA: memórias afetivas desse espaço e suas contribuições para a valorização e fortalecimento da cultura local

Mirele Rodrigues Feitosa¹, Helder Ribeiro Freitas², Francisco Ricardo Duarte³, Estevan Felipe Pizarro Muñoz⁴

Resumo

Este texto discute a importância da feira livre do distrito de Santa Rosa de Lima, em Jaguarari/BA, para a valorização e o fortalecimento da cultura local. Assim, destaca como as vivências e memórias específicas nesse espaço – a feira livre – a torna singular e relevante para a comunidade. Consiste num relato de experiência a partir de um estudo qualitativo de caráter descritivo que, por meio de observações participantes e consulta a registros e documentos, objetivou descrever a estrutura e contexto da feira livre do distrito, o qual teve como recorte temporal os acontecimentos dos anos 80 aos dias hoje. A partir da descrição do espaço, atividades e dinâmicas da feira, fez-se uma análise em paralelo com um levantamento bibliográfico realizado acerca das feiras livres e seu papel econômico e cultural. Conclui-se que a feira em destaque desempenha um papel central na comunidade, uma vez que se tornou o principal meio de comunicação e circulação de produtos locais. Em geral, eventos como esses promovem a integração social, englobando o aspecto econômico, cultural e afetivo. Assim, a feira livre se constitui em um importante espaço de promoção da identidade territorial e local por meio da interação social e valorização das tradições.

Palavras-chave

Feira livre. Cultura local. Cultura popular.

¹ Mestranda em Extensão Rural na Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco, Brasil. E-mail: mifeitosa.adm@gmail.com.

² Doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil; pós-doutoral em Extensão Rural pela mesma instituição; professor na Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco, Brasil; coordenador do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sertão Agroecológico na mesma instituição. E-mail: helder.freitas@univasf.edu.br.

³ Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia, Brasil; pós-doutoral em Gerência e Políticas Públicas pela Universidad Nacional Experimental Sur del Lago "Jesús María Semprum", Zulia, Venezuela; professor na Universidade Federal do Vale do São Francisco, Bahia, Brasil. E-mail: ricardo.duarte@univasf.edu.br.

⁴ Doutor em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; professor na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: estevanpmunoz@gmail.com.

Santa Rosa de Lima/BA Street Fair: affectionate memories of this space and its contributions to the appreciation and strengthening of local culture

Mirele Rodrigues Feitosa¹, Helder Ribeiro Freitas², Francisco Ricardo Duarte³, Estevan Felipe Pizarro Muñoz⁴

Abstract

This text discusses the importance of the street fair in the Santa Rosa de Lima district, located in Jaguarari, state of Bahia, for the appreciation and strengthening of local culture. It highlights how specific experiences and memories tied in this space – the street fair – make it unique and relevant to the community. It consists of an experience report based on a qualitative descriptive study which, through participant observation and consultation of records and documents, aimed to describe the structure and context of the district's street fair, covering the period from the 1980s to the present day. Based on the description of the space, activities, and dynamics of the street fair, a parallel analysis was conducted with a bibliographic survey on street fair and their economic and cultural role. It was concluded that the street fair in question plays a central role in the community, as it has become the main means of communication and circulation of local products. In general, events such as these promote social integration, encompassing economic, cultural, and emotional aspects. Thus, the street fair is an important space for promoting territorial and local identity through social interaction and the appreciation of traditions.

Keywords

Street fair. Local culture. Popular culture.

¹ Master's student in Rural Extension, Federal University of São Francisco Valley, State of Pernambuco, Brazil. Email: mifeitosa.adm@gmail.com.

² PhD in Agronomy, Federal University of Viçosa, State of Minas Gerais, Brazil; postdoctoral internship in Rural Extension from the same institution; professor at the Federal University of São Francisco Valley, State of Pernambuco, Brazil; coordinator of the Center for Research and Studies on Agroecological Hinterlands at the same institution. Email: helder.freitas@univasf.edu.br.

³ PhD in Knowledge Diffusion, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil; postdoctoral degree in Management and Public Policy, National Experimental University of the South of the Lake "Jesús María Semprum", State of Zulia, Venezuela; professor at the Federal University of São Francisco Valley, State of Bahia, Brazil. Email: ricardo.duarte@univasf.edu.br.

⁴ PhD in Rural Development, Federal University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the Federal University of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil. Email: estevanpmunoz@gmail.com.

Introdução

Este artigo pretende discutir a importância das feiras livres como um estímulo à valorização e fortalecimento da cultura local, além de ser uma proposição surgida a partir das memórias e vivências nesses espaços, tendo como base a feira livre do distrito de Santa Rosa de Lima, no município de Jaguarari, no norte baiano.

Segundo os relatos populares e levantamentos realizados por Canossi *et al.* (1990), os primeiros registros de feira livre no distrito datam de 1915, quando havia pouquíssimos moradores no local. Porém, como a localidade é caminho para outras cidades no Estado da Bahia (BA), como Uauá, Andorinha, Senhor do Bonfim e a própria sede de Jaguarari, tropeiros costumavam passar por ali, onde paravam para descansar e aproveitavam para expor suas mercadorias.

Mesmo sendo passagem para outros municípios, Santa Rosa de Lima/BA, até a atualidade, não possui fácil acesso. O deslocamento de seus moradores para as cidades vizinhas é difícil, especialmente em virtude de transporte e estradas precárias. Assim, por muitos anos, a feira livre foi o principal meio de comunicação e aproximação com a circunvizinhança, bem como o principal meio de circulação e escoamento da produção local.

Alguns aspectos da feira no distrito – os quais serão detalhados adiante – permanecem mantidos, servindo como estímulo para este relato, que objetivou descrever a estrutura e o contexto da feira livre estudada, destacando sua importância sociocultural para a comunidade.

Pressupostos teóricos

As feiras livres são espaços de encontro e convivência social, onde as pessoas têm a oportunidade de conhecer os produtores, trocar experiências, estabelecer relações de reciprocidade e aprender sobre a produção de alimentos. Ademais, esses eventos preservam tradições culturais e regionais, promovendo a valorização da identidade local. Ao comprar diretamente dos agricultores familiares nas feiras, os consumidores estão contribuindo para a preservação das técnicas tradicionais de cultivo e para a manutenção da diversidade agrícola, além de contribuir para a circulação de recursos financeiros entre as famílias locais, movimentando a economia local do distrito.

Nesses espaços, a cultura tem vida. Artesãos habilidosos exibem suas obras de arte feitas à mão e manifestam a história de gerações passadas. Produtores de alimentos agroecológicos apresentam seus produtos, resgatando práticas agrícolas tradicionais e

incentivando uma alimentação saudável e sustentável. Músicos e artistas locais exibem-se com suas melodias e performances, reforçando o vínculo entre a cultura e a comunidade. De modo geral, trata-se de um espaço de livre expressão, acessível a todos.

Para Sabourin (2009), no Brasil, as feiras locais e os mercados de proximidade ilustram casos em que ocorre a produção e o fortalecimento dos laços sociais e da sociabilidade por meio de relações diretas entre produtores e consumidores. A concepção de produtos territorialmente qualificados carrega o potencial de fomentar o desenvolvimento de identidades humanas, socioeconômicas e culturais únicas, por meio das interações entre pessoas, territórios e produtos distintos. O autor acrescenta que “a venda direta na unidade de produção, nas feiras locais de produtores ou nas festas de produtos regionais, corresponde a relações de reciprocidade bilateral⁵ e até simétrica entre agricultores e consumidores” (Sabourin, 2009, p. 226).

As feiras livres não se resumem a pontos de venda de produtos agrícolas e alimentos frescos. Trata-se de espaços de manifestações da cultura local, onde artesãos, agricultores e produtores apresentam suas criações e compartilham suas histórias com a comunidade. Ao percorrer os corredores de uma feira, é possível apreciar a riqueza de cores das frutas, bem como barracas de roupas e utensílios. Além disso, esses espaços possibilitam sentir os cheiros das peças em couro e do arroz-doce presente em barracas de guloseimas, bem como os sabores das especiarias, dos doces de raiz de imbu, dos queijos e requeijões que representam a identidade de uma região ou território.

As feiras livres, especialmente nas pequenas cidades e distritos do interior do Brasil – como exemplo, a presente em Santa Rosa de Lima/BA –, constituem-se como eventos de interação social dos moradores da comunidade e circunvizinhança. Por ser um pequeno distrito, não há opções de entretenimento, como parques, cinema e centros esportivos; inclusive, em sua única praça, não há movimento constante ao longo da semana. Portanto, a feira representa a oportunidade de se tirar do armário uma boa roupa e um bom sapato para, então, socializar com amigos e demais moradores, para os quais a feira constitui local de encontro, de troca de saberes e experiências. Assim, esses espaços de interação social

⁵ A reciprocidade bilateral ocorre quando se estabelece uma relação regular entre duas famílias, vizinhos ou compadres. Essa estrutura de aliança pode ser igualitária, com trocas simétricas, ou desigual, caso uma família contribua com mais trabalho ou produtos do que a outra. O resultado mais significativo dessa interação é a formação de laços de amizade. Esses laços podem ser formalizados nas relações de compadrio e apadrinhamento mútuo dos filhos, criando uma extensão das conexões de parentesco (Sabourin, 2009).

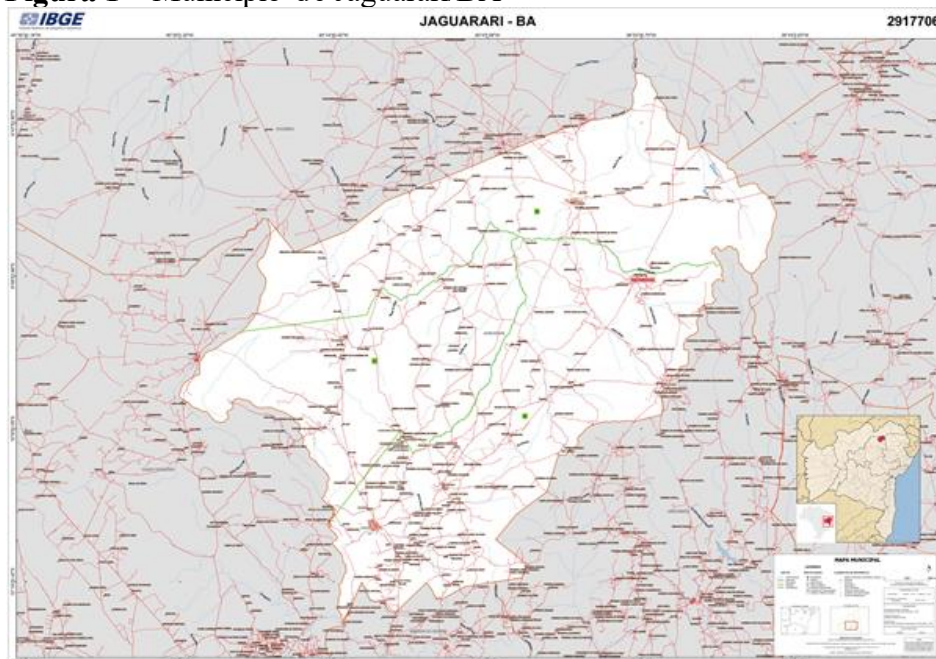
extrapolam frequentemente o campo das relações econômicas ao promover as trocas, interações e manifestações culturais, afetivas, educativas e recreativas.

Outrossim, as feiras livres representam um modelo de circuito curto de comercialização, por meio do qual, segundo Schneider (2021), é reconstruída a conexão entre o alimento, a sociedade e o território. Esses circuitos enfatizam a importância de saber quem produz, onde e como os alimentos são produzidos, criando uma relação de confiança e proximidade entre produtores e consumidores. Além disso, reforça a importância de conhecer e valorizar a origem dos alimentos, estabelecendo conexões mais significativas entre produtores e consumidores, reduzindo custos de transação e promovendo valores éticos e sustentáveis na cadeia produtiva.

Metodologia

Este artigo se constitui num relato de experiência, fundamentado em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo sobre a feira livre do distrito de Santa Rosa de Lima, pertencente ao município de Jaguarari, localizado no norte do estado da Bahia, a aproximadamente 44,5 km da sede municipal (Figura 1). Inserido no bioma Caatinga, o território apresenta clima semiárido, com vegetação característica composta por espécies nativas como o imbuzeiro (*Spondias tuberosa*), o mandacaru (*Cereus jamacaru*), o juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), a aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) e o licuri (*Syagrus coronata*). A paisagem é marcada por áreas de relevo levemente ondulado e solos rasos, predominantemente pedregosos, embora adaptados ao cultivo de espécies frutíferas como a manga, a acerola e até mesmo o café – produzido predominantemente na Serra dos Morgados –, além da criação de pequenos animais.

Figura 1 – Município de Jaguarari/BA



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022).

Segundo dados do último censo do IBGE (2022), Jaguarari possui 32.703 habitantes e um território de 2.466,009 km². Sua principal atividade econômica constitui-se na extração de minério de cobre, por meio da Mineração Caraíba S/A. Todavia, outras atividades lhe são comuns, tais como a agricultura familiar; a pecuária, havendo a predominância da caprinovinocultura; e, por fim, o extrativismo vegetal da madeira, imbu e licuri – o qual também são extraídas suas palhas.

Assim, as vivências, memórias e observações aqui relatadas pertencem à primeira autora, enquanto discente do programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), que obteve autorização para o uso da imagem de todas as pessoas presentes nas fotos incluídas no relato.

Nesse sentido, por meio de observações participantes e consulta a registros documentais, fotográficos e populares, objetivou-se descrever a estrutura e o contexto da feira livre do distrito de Santa Rosa de Lima, no município de Jaguarari, no norte da Bahia. Para Gil (2008), a finalidade da pesquisa descritiva é descrever as características de determinadas populações ou fenômenos.

O recorte temporal do relato remonta fatos, acontecimentos e cenários desde a década de 1980 aos dias atuais. A partir da descrição do espaço, atividades e dinâmicas da feira da referida localidade, fez-se um paralelo com um levantamento bibliográfico realizado acerca das feiras livres e seu papel econômico e cultural. Ao final, realizou-se uma análise do papel da feira livre, sua importância e relevância na valorização e manutenção da cultura local.

Resultados e Discussão

Conforme supramencionado, o distrito de Santa Rosa de Lima se constitui em um pequeno distrito situado há aproximadamente 44,5 km da sede do município de Jaguarari, no norte da Bahia, com fundação datada do início do século 20. Nesse contexto, os primeiros registros que tratam da comercialização de produtos e início da feira livre datam de 1915. Segundo Canossi *et al.* (1990), tropeiros faziam parada em frente à residência de Manoel Joaquim Feitosa, um dos primeiros moradores do distrito. Ali iniciou-se a feira livre que, em 1917, foi transferida para a praça Odilon Gonçalves (Figura 2), onde permanece até os dias de hoje, ocorrendo toda quarta-feira.

Em princípio, a feira era instalada por volta das 6h da manhã e se estendia até meados da tarde, por volta das 15h. Esse intervalo parecia interminável aos olhos de uma criança, mas, ao mesmo tempo, repleto de estímulos que marcaram profundamente minha experiência. Nesse horizonte, parte considerável do meu tempo era destinada a acompanhar minha avó, observando os produtos e interações. Contudo, também havia momentos em que as crianças circulavam juntas pela feira, explorando as barracas, brincando de esconde-esconde, bolinhas de gude ou jogando pião. A feira era, para nós, um espaço de encantamento e expectativa.

Figura 2 – Praça Odilon Gonçalves, Santa Rosa de Lima, Jaguarari/BA, vista de cima



Fonte: Portal Jaguarari (2017).

A saída para a feira era um verdadeiro acontecimento para a autora e, desse modo, suas primeiras memórias daquele local são em companhia de sua avó. Ambas arrumavam-se

para sair e ficavam desde a manhã até a tarde em função daquele movimento gerado pela circulação de pessoas na feira.

Os feirantes vinham majoritariamente de Senhor do Bonfim/BA, uma cidade vizinha localizada a 67,7 km da praça. Lembro-me de enormes caminhões “pau de arara”, lotados de mercadorias e pessoas, passando na porta de nossa casa. Além das mercadorias tradicionais que vinham da cidade vizinha, como frutas, legumes, cereais, roupas, calçados e utensílios para venda, também eram comercializados artigos produzidos pelos moradores do distrito, como utensílios fabricados artesanalmente.

A feira era e ainda é, então, uma oportunidade de escoar a produção local e de comprar o que a comunidade não conseguia produzir para atender às necessidades da população santarosense de Jaguarari/BA.

Para Guimarães (2010), a feira livre, cujo foco principal é a venda de produtos hortifrutigranjeiros, representa uma oportunidade para fortalecer a identidade do povo brasileiro, destacando seus costumes e cultura popular. Além disso, ela promove a troca de conhecimentos, resgata valores e proporciona uma sensação de integração social.

A feira antecedia a festa da padroeira Santa Rosa de Lima, de quem o distrito recebeu o nome. A novena para Santa Rosa de Lima ocorre no final do mês de agosto, culminando na procissão para a santa no dia 30 de agosto. A festa profana, nesse contexto, ocorre na mesma praça onde é realizada a feira. Até os anos 2000 eram construídas barracas de palha de licurizeiro, nas quais ficavam instalados os bares para a venda de bebidas e comidas que atenderiam a festa. No que diz respeito à feira, nessa época, o número de feirantes e barracas quadruplicava e aumentava consideravelmente a oferta de roupas, calçados e acessórios. Era, indubitavelmente, o momento de a comunidade renovar seu guarda-roupa e se preparar para a novena e para a festa profana.

Em geral, não havia muitas lojas no distrito até o final dos anos 1990, uma vez que predominavam os bares e os dois estabelecimentos existentes no local, sendo uma loja de variedades e uma mercearia. A feira era responsável por abastecer a comunidade da maior parte de suas necessidades, considerando o deslocamento difícil para as cidades mais próximas. O distrito de Santa Rosa de Lima/BA, conforme mencionado anteriormente, não possui fácil acesso devido às estradas de chão negligenciadas pelo poder público, de modo que a população tinha como melhor opção esperar pelo dia da feira na comunidade, a qual constituía um ponto de encontro e um espaço de comunicação e trocas entre os moradores e comunidades circunvizinhas.

Nesse ambiente, estabelecem-se e nutrem-se vínculos de confiança, troca e amizade. Logo, a venda em si não é o único propósito desse espaço. Existe confiança tanto na qualidade e valor dos produtos comercializados quanto nos vendedores e nas pessoas conhecidas encontradas no local. Além das transações comerciais, ocorrem conversas informais, recordações, preservação de costumes e rotinas estabelecidas em dias específicos, mantendo-se os hábitos e as relações com a comunidade, conforme afirma Guimarães (2010).

Devido à seca frequente na região, a agricultura não era uma das principais atividades desenvolvidas na comunidade. Todavia, a pecuária, especialmente a criação de caprinos e ovinos, era e continua sendo muito forte. Assim, a feira era o principal meio de venda de animais vivos, sua carne ou mesmo o couro, além de ser a principal ou única oportunidade da comercialização do artesanato produzido no distrito e suas imediações.

A produção local artesanal de peças em couro, inclusive, representa um importante traço cultural do município de Jaguarari/BA. Nessa produção incluem-se as vestimentas dos vaqueiros, por exemplo, o gibão, o chapéu e outros acessórios como as selas dos cavalos. Além do couro, a produção de artigos em palha de licurizeiro era forte – hoje em menor proporção (Figura 3). As mulheres, principais responsáveis pelo ofício, trançavam a palha da palmeira e davam a ela vida em forma de chapéus, esteiras, bolsas e bocapiús.

Figura 3 – Artesã trançando palha de licurizeiro para confecção de chapéu



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2023).

É interessante ressaltar que, além da palha, o licurizeiro fornece um fruto, sendo o coco licuri. Ele possui diversos usos, tanto o próprio consumo *in natura* quanto o de produtos feitos a partir de seu beneficiamento, como doces, licores, cocadas e azeite. Apesar desses múltiplos usos, não era comum encontrar o fruto à venda na feira; provavelmente por sua abundância na região, ele não era visto como um produto. O mesmo ocorria com o imbu (umbu), que também não era comum encontrá-lo à venda nas barracas de frutas.

Santa Rosa de Lima/BA tornou-se conhecida e destino certo para os compradores de mercadorias provenientes do couro e da palha, pois a feira reunia os melhores artesãos e continha um alto volume da produção e matéria-prima. No contexto do município de Jaguarari/BA, concentrava-se o maior número de artesãos utilizando a palha do licurizeiro e o couro como matéria-prima na produção de acessórios diversos. Logo, cabe destacar neste texto que o trabalho com couro era, e ainda é realizado, majoritariamente, por homens, ao contrário do trabalho feito a partir da palha de licurizeiro.

A abundância em couro e produtos derivados dele (Figura 4) dá-se pela concentração de rebanhos de caprinos e ovinos e, em menor escala, de gado. A criação desses animais constitui uma das atividades econômicas desempenhadas em toda a extensão do território do município de Jaguarari/BA.

Figura 4 – Peças em couro à venda na feira de Santa Rosa de Lima, Jaguarari/BA



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2023).

Neste momento, é possível destacar outra característica por meio da qual se pode inferir o caráter de circuito curto de comercialização que a feira livre possui. Schneider (2021) ressalta que esses circuitos têm uma dimensão moral e ética, visto que as trocas econômicas são baseadas em valores humanos e ambientais, como a justiça e a sustentabilidade. No caso de Santa Rosa de Lima/BA, esse processo ocorre inconscientemente para os envolvidos, especialmente a comercialização do couro e dos acessórios a partir dele confeccionados, bem como o artesanato em palha, que permeia esses aspectos.

Conforme Lacerda e Mendes (2017), a feira livre perdura ao longo do tempo como um local de expressões sociais, culturais e econômicas, e desempenha um papel essencial na construção diária da cidade em termos de produção do espaço. Em termos sociais, as feiras livres são espaços de encontro e interação entre pessoas de diferentes origens e contextos. Elas oferecem a oportunidade de conhecer novas pessoas, trocar experiências e fortalecer os laços comunitários.

A avó materna da autora foi quem lhe apresentou a feira e com quem aprendeu a escolher os melhores legumes e o melhor horário para encontrar bons preços e produtos de melhor qualidade. Enquanto negociava ou cumprimentava conhecidos, a autora observava atentamente aos seus gestos e, com isso, aprendia sobre os produtos, preços e com quem compensava negociar. Embora pequena, também ocupava um lugar naquele espaço, mesmo entre os encontros, as brincadeiras rápidas com outras crianças e o deslumbramento com todo o movimento presente na praça.

Ela atuou como artesã da palha do licurizeiro, atividade que, por muitos anos, constituiu sua principal fonte de renda e, ao mesmo tempo, uma prática de que gostava profundamente. O trabalho iniciava-se ainda nas idas ao “mato” para a coleta da palha, realizadas em grupo com amigas e vizinhas que saíam muito cedo, quando o sol ainda estava ameno. Após a colheita, as palhas verdes eram “rachadas” – isto é, rasgadas – para a retirada do talo, parte rígida que a sustenta. Em seguida, eram dispostas para secagem. A autora se recorda da calçada repleta de palhas, que perdiam gradualmente o tom amarelo-esverdeado até adquirir uma coloração semelhante ao marfim. Quando secas, eram raspadas, com o objetivo de torná-las mais maleáveis. Por fim, eram trançadas, dando origem a chapéus e outros artefatos, sendo o chapéu o produto de confecção mais rápida e de maior procura (Figura 5).

Por diversas vezes, a autora acompanhou a avó na venda do que produzia. Recorda-se de que, embora tudo o que era produzido fosse também comercializado, ainda assim o

dinheiro obtido com a venda do artesanato era pouco. De todo modo, o comprador de chapéus estava presente em todas as semanas, ao chegar em um dos caminhões da feira.

Figura 5 – Esteira e chapéus de palha à venda na feira de Santa Rosa de Lima – Jaguarari/BA



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2023).

A avó conhecia todos os barraqueiros, sabia qual deles era confiável por vender produtos de boa procedência. Era, certamente, uma figura conhecida e querida no local. Conhecia, recebia e acolhia em sua casa os moradores das fazendas vizinhas que vinham para a feira em destaque; havia uma relação de solidariedade, de confiança e amizade entre as pessoas que circulavam ali. Viviane Vedana, que escreveu em sua dissertação sobre “Fazer a feira”, afirma que:

A partir dos espaços de feiras-livres e das relações e interações estabelecidas entre seus frequentadores que passei a me indagar sobre estas formas de vida diversas que compõe a dinâmica urbana, na qual um ato, aparentemente simples, como a compra de alimentos, pode estar carregada de significados que ultrapassam a razão que envolve no que tange a tessitura das relações sociais presentes à sociedade contemporânea (Vedana, 2004, p. 11).

Na praça onde a feira ocorria, havia seções muito bem fixadas. Na lateral de uma fileira ficavam dispostas as roupas, os sapatos e variedades, enquanto na outra ficavam os queijos, doces em barra, rapaduras, fumo de rolo e as barracas de comidas, como o arroz-doce e o manuê – espécie de bolo de milho. Ademais, havia a fileira das barracas de couro e seus subprodutos, bem como artigos para criadores de animais e proprietários de roças, como chocalhos, cordas, arames, correntes e pregos.

Além disso, as barracas de doces ecoam na memória da autora. Elas eram oriundas de feirantes vindos de outras localidades, como Senhor do Bonfim/BA. Em geral, as crianças passavam a semana “angariando” fundos para financiar as guloseimas que contávamos os dias para comprar.

Havia a barraca de doces para as crianças, contendo pirulitos, marias-moles, chocolates, gomas de mascar e jujubas. No entanto, havia outra barraca para os adultos, dispondo de doces de leite, banana, goiaba e abacaxi, além da batata do imbuzeiro em barra e rapaduras. Nessa barraca também dispunham de queijos em geral e o famoso Requeijão Cardoso, considerado patrimônio imaterial do Piauí (PI), porém produzido em nossa região. Consiste em um queijo de corte produzido com leite de vaca coalhado, escorrido para retirar o soro, cozido em manteiga e, após o cozimento, colocado nas formas. Em nossa região, é especificamente produzido na Fazenda Santos Ares.

Desse modo, Lacerda e Mendes (2017) corroboram com essa questão da setorização dos produtos na feira ao afirmarem que é um espaço composto por diferentes áreas delimitadas, em que a organização econômica segue padrões estruturados. Por exemplo, há áreas específicas designadas para a venda de frutas, separadas logisticamente daquelas destinadas à comercialização de carnes.

O modo como os feirantes anunciavam seus produtos ou chamavam seus fregueses, utilizando versos, trovas, piadas ou mesmo músicas, bem como o uso de medidas distintas das convencionalmente adotadas, compunham práticas marcantes da feira. Em vez de quilos ou gramas, era comum a utilização de medidas como litros ou pratos. A autora lembra-se de que, nos idos da década de 1980, o feijão e outros grãos eram vendidos por litro – medido em latas de óleo reaproveitadas –, enquanto a farinha era comercializada por “prato”, um recipiente quadrado de madeira. O quilograma, por exemplo, não era utilizado como referência de peso.

A relação de amizade e confiança que garantia comprar fiado para pagar na próxima semana, ou um desconto especial, ou a reserva de determinado produto, configuram aspectos que fazem com que a feira seja um local no qual os sentimentos, a comunicação, a espontaneidade, a confiança e a criatividade sejam manifestos. A interação dessas diversas expressões permite o acesso à memória social e estimula a reflexão sobre a construção desse espaço.

Há alguns anos, a autora não frequenta a feira de Santa Rosa de Lima/BA semanalmente, mas guarda lembranças afetuosas da infância vivida e compartilhada naquele lugar. Hoje, o espaço destinado à feira – na praça Odilon Gonçalves – foi reduzido drasticamente, a partir da construção de um espaço coberto no meio da praça, o qual funciona

como uma espécie de açougue. Além disso, com o passar do tempo, o distrito cresceu e possibilitou a abertura de mercearias e mercadinhos, bem como hortifrutis e lojas de vestuário. Isso, no entanto, contribuiu para que a feira livre já não tenha mais a potência de antigamente, bem como o difícil acesso a ela (Figura 6).

Figura 6 – Final da feira livre em Santa Rosa de Lima, Jaguarari/BA



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2023).

Araújo (2013, p. 4) destaca haver um consenso de que as feiras livres são espaços que devem ser preservados e que:

Para além de representarem um passado de gerações que sobreviveram no sentido econômico, político e social, continuam, ainda hoje, a promover a aproximação com a cultura popular através da criatividade e da transformação de elementos do cotidiano – ressignificando seus ofícios diante da arte do fazer e saber fazer dos feirantes – transmitidos de geração em geração.

Apesar da percepção de que a feira livre de Santa Rosa de Lima/BA tenha perdido parte de seu dinamismo e movimentação em relação aos tempos de minha infância, ela ainda se configura como um espaço de resistência, sustentado por interações cotidianas e relações de reciprocidade entre feirantes, clientes e moradores da comunidade. Essas relações se expressam em práticas como a compra fiada, a reserva de produtos para fregueses habituais, as trocas de mercadorias entre os próprios feirantes e até mesmo o revezamento no cuidado com as barracas, especialmente entre familiares e vizinhos. A acolhida aos visitantes nas casas, como fazia a avó da autora, e os gestos solidários do dia a dia demonstram como a feira ultrapassa o aspecto comercial e fortalece os laços sociais. Ademais, conforme mencionado anteriormente, o espaço representa um importante circuito curto de comercialização, no qual

os produtos locais são vendidos diretamente pelos produtores, favorecendo a economia local e a manutenção de expressões culturais, como o artesanato em couro.

Por fim, para além disso, com o advento da água encanada nas casas da comunidade, em 1995, a água dos tanques e cacimbas – antes destinada para o consumo humano – pôde ser utilizada em novas atividades, como em processos produtivos no âmbito da agricultura familiar local. Assim, ainda que em pequena escala, a comunidade começou a cultivar e ampliar os pequenos produtos nos quintais, a exemplo de hortas nas quais o excedente da produção era vendido na feira. Desse modo, novos ciclos vêm se formando na comunidade com a diversificação dos cultivos para alimentação da própria família e comercialização do excedente.

Considerações finais

A cultura local é um aspecto importante a ser preservado e valorizado em todas as suas manifestações junto às comunidades. Entre essas expressões culturais, a feira livre de Santa Rosa de Lima/BA destaca-se como espaço de encontro e troca, no qual se manifestam saberes tradicionais, identidades regionais e diversidade cultural.

Além disso, essa feira tem importância cultural e desempenha um papel fundamental na economia local e circunvizinhanças de Santa Rosa de Lima/BA. Ela promove o comércio justo e valoriza a produção local, contribuindo para a geração de ocupação, renda, abastecimento e o fortalecimento do território. Ao apoiar os agricultores familiares e artesãos da região, a feira livre garante a circulação de produtos, valorização dos sistemas alimentares locais e seus circuitos curtos de comercialização com a geração de ocupação e renda nas comunidades locais. Isso promove a segurança e soberania alimentar no território, com geração de ocupação e renda nas comunidades locais.

Assim, pelo exposto, é fundamental que as feiras livres sejam reconhecidas como patrimônios culturais e, conseqüentemente, recebam o apoio necessário para sua valorização, transmissão de saberes e fortalecimento de elementos da cultura local.

Por fim, o incentivo à participação da juventude é essencial para a promoção de elementos da cultura e tradições no distrito de Santa Rosa de Lima/BA, bem como em territórios circunvizinhos. É necessário estimular as manifestações culturais e a transmissão de conhecimentos e saberes tradicionais para as novas gerações, valorizando o trabalho dos mestres, artesãos e agricultores.

Referências

ARAÚJO, G. A. F. Trajetória histórica conceitual sobre patrimônio imaterial e cultural no Brasil e em Portugal tendo as feiras como lugar de investigação. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013. [n. p.]. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364700080_ARQUIVO_textocompleto.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

CANOSSI, P. J. P. *et al.* **A história na mão**: tentativa de retrato de Jaguarari – BA. Paulo Afonso: Fundação Aloysio Penna, 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, C. A. **A feira livre na celebração da cultura popular**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Cultural e Organização de Eventos) – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/tcc/140-481-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2024.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LACERDA, F. R.; MENDES, G. F. A feira como lugar de memória: tradições e relações sociais na produção do espaço geográfico. *In*: COLÓQUIO NACIONAL, 12.; COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO, 5., 2017, Vitória da Conquista. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESB, 2017. p. 729-734. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229298343.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2025.

PORTAL JAGUARARI. Jaraguari: Santa Rosa recebe melhorias reivindicadas por moradores após visita do prefeito. **Portal Jaguarari**, 2017. Disponível em: <https://www.portaljaguarari.com.br/2017/08/jaguarari-santa-rosa-recebe-melhorias.html>. Acesso em: 1º ago. 2017.

SABOURIN, E. Práticas sociais, políticas públicas e valores humanos. *In*: SCHNEIDER, S. (org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 219-243. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232207/000717534.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 jan. 2025.

SCHNEIDER, S. Circuitos que apontam caminhos para sistemas alimentares mais sustentáveis e inclusivos. *In*: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. (org.). **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021. p. 9-16. Disponível em: https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-10/circuitos_curtos_2.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

VEDANA, V. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3731>. Acesso em: 19 dez. 2024.

Submetido em 21 de janeiro de 2025.

Aprovado em 24 de abril de 2025.